

Caminho de ferro de leste. — Ponte de Xabregas. — Desenho de Bordalo. — Gravura de Coelho.

De 1844 data a idéa de introduzir em Portugal as vias ferreas. Collaboraram n'ella o conde de Tojal, então ministro da fazenda, seu irmão o doutor Alexandre de Oliveira, e seu primo Benjamin de Oliveira, subdito britannico, e membro do Parlamento.

A primeira linha, que Benjamin de Oliveira lembrou, foi uma de Lisboa ao Porto, passando por Santarem, Leiria, Aveiro e Coimbra. No *Railway Chronicle* publicou-se mesmo um artigo a esse respeito, e tudo achava disposição nos capitaes inglezes, boa parte dos quaes estava então sem emprego e prompta para qualquer empreza.

A idéa do caminho para o Porto não pareceu merecer a approvação do ministro, receoso da concorrencia que lhe faria a communicação maritima. A unica linha que lhe parecia lucrativa era a do Alemtejo para Alcacer. Entretanto, depois de se ter feito um prospecto para a linha do Porto, com o capital de 4.500 contos, contando a empreza com a adhesão de firmas respeitaveis, e tendo já acções promettidas, resfriou o negocio, e só depois d'algum tempo é que d'elle surgiu a idéa d'outra linha.

Uma reunião de negociantes, banqueiros, e directores de caminhos de ferro inglezes, effectuada em Londres em 6 de dezembro d'aquelle anno, produziu o prospecto para um caminho de ferro no Alemtejo, formado pelo capital de 1.800 contos, como parte do de Lisboa á fronteira de Hespanha, cuja primeira secção fosse construida entre Evora e Alcacer do Sal.

Em quanto se tratava de apresentar ao governo portuguez a proposta para isso; em quanto se faziam em Londres ajustes com engenheiros para virem examinar o paiz, e levantar a planta da linha; decorriam os mezes e quebrantavam-se os animos. Foi por aquelle tempo que appareceu, com aspecto ameaçador aos capitaes estrangeiros, aquella celebre e monstruosa companhia de obras publicas, com o capital de 20.000 contos, que se propunha fazer todas as obras do paiz, inclusivè a linha ferrea á fronteira, e outras.

Sem embargo d'isso no mez d'abril 1845 entregava-se ao governo, em nome de Benjamin de Oliveira e d'outros, uma proposta para a construcção d'um caminho de ferro entre Lisboa e Thomar, e d'outro até ao Porto, proposta que não teve andamento, annullada por uma anterior da mesma companhia d'obras publicas. Tudo ficou por fim em nada, porque essa companhia desappareceu, e com ella as gratuitas esperanças que a boa fé de muitos tinha posto na sua acção.

Em 1850 investiu-se de novo com a idéa amortecida. George Tete viera de Inglaterra commissionado

para ajustar com o governo a razão do juro, que o estado garantia; mas discordes entre 5 e 6 por cento, não podendo chegar a nenhum ajuste, o commissario inglez deixou Lisboa em janeiro de 1851.

D'ahi a poucos mezes inaugurava-se em Portugal um novo governo, que querendo pacificar as cousas e socegar os animos, começou a pensar em obras de vulto, que lhe dessem nome, e lhe servissem por assim dizer, d'escudo contra os golpes dos descontentes. Um dos principaes melhoramentos, que naturalmente lembraram para chamar a attenção publica, occupar braços disponiveis e facilitar a defesa da nova administração, foi a construcção de caminhos de ferro.

Em maio de 1852 abria o governo concurso para a construcção da primeira secção, de Lisboa a Santarem, d'um caminho de ferro á fronteira de Hespanha. A licitação versaria sobre o minimum do juro que o estado devia garantir a descer de seis por cento, e um por cento de amortisação annual.

Havia então difficuldade em attrahir capitaes inglezes para emprezas taes, depois da desconfiança que os tinha tomado, em consequencia de recentes infaustas especulações de caminhos de ferro sem significação nem alcance. Sempre porém appareceram algumas propostas inglezas. Uma d'ellas, de Peto e outros, chegou quasi a termos de harmonisar com o programma e ser acceita. Só duas eram as condições em que não havia transacção; uma não quererem os proponentes começar o caminho em Lisboa, mas só uma legua ao sul de Sacavem; outra não quererem desistir do seu foro e privilegios, sujeitando a sua propriedade e direitos ás leis e tribunaes do reino. Foi por isso que á sua proposta se não deu andamento.

Só uma proposta, de Hardy Hislop, em nome de uma sociedade denominada companhia central peninsular dos caminhos de ferro de Portugal, satisfez ás condições do programma. Foi a elle que se fez, em agosto de 1852, a concessão provisoria do caminho de Lisboa a Santarem.

Feito o respectivo deposito de 180 contos, declarou o governo portuguez que subscrevia com um terço (1.200 contos) do capital da companhia, pelo que ajustou que tambem seria representado na direcção por individuos da sua escolha; em maio de 1853 se assignou o contracto difinitivo, convertido em lei em agosto seguinte.

O preço de cada kilometro foi fixado em 50.511.450 réis, para a garantia dos juros, pagamentos do bonus, e da amortisação. A concessão fez-se por 99 annos.

Em setembro se constituiu definitivamente a companhia, que concedeu a Carlos Waring 99 contos a titulo de pagamento de ordenado e despezas prévias; conferindo a empreitada das obras a Waring, irmãos, & Shaw, que subscreviam um terço do capital social. Mediante a consignação e pagamento de 3.501 contos obrigaram-se os empreiteiros a dar prompto o caminho até Santarem, com todo o seu material circulante, e linha de telegrapho electrico parallela.

Chegou o dia de se inaugurarem solemnemente, no Beato, as obras do caminho de ferro de leste! Os trabalhos, começados em pequena escala, progrediram lentamente até fins de março 1854. Embaraços de expropriações, embaraços de planos, embaraços de material retardado, embaraços de operarios não amestrados, tudo concorria para que a obra não luzisse como se desejava. Em abril, porém, tomaram os trabalhos maior desenvolvimento; e desde julho continuaram em pé regular.

Sobrevieram em 1855 desintelligencias entre os empreiteiros e a companhia. Desligaram-se por fim, mandando a ultima continuar as obras directamente. Foi por aquelle tempo, que se recebeu o patriotico auxilio de muitos dos nossos concidadãos do Rio de Janeiro que tomaram para si as acções com que o governo ficára, e que o punham em graves embaraços com o pagamento das prestações correntes.

No dia 28 d'outubro de 1856 foi a inauguração solemne, e no dia seguinte a abertura á viação publica, da parte do caminho entre Santa Apolonia e o Carregado, obra de 30 kilometros. Annuncia-se para já a abertura da parte do caminho entre o Carregado e as Virtudes. Desde o começo da exploração entre pontos que pouco alcance podem ter na vida d'um caminho de ferro, o movimento de passageiros tem sido superior ao que podia esperar-se. Póde mesmo dizer-se, em relação ás circunstancias que se dão na secção aberta, que esse movimento tem sido extraordinario. N'estes oito mezes de exploração, até hoje, tem transitado pelo caminho muito mais de 200.000 passageiros.

Ha pouco foi o governo auctorisado a comprar á companhia, e de facto comprou, aquella secção, pagando-lha com a inversão do nominal das acções, em inscripções de 3 por cento, a razão de 50. Ao mesmo tempo contractou tambem com Peto a construcção do caminho de ferro de Lisboa ao Porto, com a subvenção de 20 contos por kilometro, recebendo elle por encontro a parte já construida do caminho de leste. Este contracto tem sido geralmente bem recebido, e espera-se grande actividade na conclusão da secção até Santarem, e continuação da linha para o norte.

A nossa gravura representa a ponte de Xabregas, lançada enviesada a 32° 30′ sobre a estrada publica. Compõe-se de tres arcos. Dos dois do lado da trincheira, á direita, a gravura só representa o primeiro; são de pedra em arco de circulo, de 1ᵐ, 52 de flexa; 2ᵐ, 97 d'altura de pés direitos; e 6ᵐ, 85 de abertura de cada um. A abertura do arco do lado do aterro, á esquerda, que cobre á estrada propriamente dita, é de 15ᵐ, 58, formado por seis cambotas de ferro, de fórma abatida. A largura entre as testas da ponte é de 7ᵐ, 72. A parte de ferro é obra de Inglaterra. O espectador, collocado entre a ponte e a fonte da Samaritana, vê desfilar por sobre a ponte, em direcção á estação principal, um comboio; por cima correm os fios do telegrapho electrico; á direita, e proximo, sobresae o angulo oriental do grande palacio do marquez de Niza; á esquerda, a pouca distancia, apparece a cruz, que remata o frontispicio da egreja do convento da Madre de Deus.

ROSAS DA GRECIA.

(SAPHO).

Se uma imperante ás flores multicores
Precisa fosse, Jupiter a tinha:
A rosa, eleita d'entre as varias flores,
Fôra a rainha.

Ella, das terras o mais grato ornato!
Das flores o olho! a gloria da verdura!
Do prado o esmalte! doce ao cheiro e ao tacto!
Formosa e pura!

Do seio seu, amor se exala e falla!
Chama por Venus, e a retem por gosto!
Tudo são graças, tudo riso e gala
No seu composto!

Do seu botão com que doçura pura
Rompe, sorrindo ao zephyro amorosa!
— «Vem, vem beijar-me! tua sou! — murmura —
«Vem! sou a rosa!»

(ANACREONTE)

Primavera graciosa
Volve a nós engrinaldada!
Vou cantar na lyra a rosa
Delicada!
Cantemos ambos
Ó minha amada.

Rosa é halito de numes;
Aos mortaes rosa fascina;
D'entre os flóridos cardumes
Predomina;
Diadema ás graças,
Brinco a Erycina.

Cara a todos nossos mythos,
E das musas festejada.
D'entre espinhos infinitos
Quanto agrada
Irmos furtal-a
Terna e córada!

Quem na traz, diz que é ventura
Na amorosa mão retel-a;
E entre os dedos com brandura
Revolvel-a.
Meiga alvorada
Não no é como ella.

Praz a rosa ao que tem siso;
Faz a gloria de uma festa;
N'um banquete enfeita o riso;
A amor presta;
Bacchicas pompas
Que são sem esta?

Roseos tem a aurora os dedos;
Braços roseos a Napéa;
Nos poeticos segredos
Sempre a Déa
Faces de rosa
Foi Cytheréa.

Mal nenhum resiste á rosa,
Rosa as campas guarda, enfeita;
Rosa é velha e inda se goza;
Não se engeita;
Que inda é no aroma
Joven perfeita.

Vou cantar-lhe o nascimento.
Já do mar que azul se ria
Tinha o salso espumeo argento
Posto ao dia
Venus que espumas
Inda escorria.

Já da fronte omnipotente
Palas férvida saíra,
Divindade armipotente,
Sempre em ira,
Que estragos, mortes,
Fogo respira;

Quando a terra, em competencia
De prodigios tão fallados,
Fez brotar por excellencia
De seus prados,
A rosa, cheia
De mil agrados.

Porque a rosa fosse rosa,
Quanto rosa ser podia,
Cada nume á já formosa
Á porfia
Dentro em seu nectar
Banhava e ria.

Eis a origem dos primores,
Com que a rosa na campina
Em seu throno de rigores
É divina,
E assim lhe querem
Baccho e Cyprina.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

INCREMENTO E PROGRESSO

DA RELIGIÃO CATHOLICA EM CEYLÃO.

(Continuação).

Confiadamente assegura mr. Cordiner, que o unico passo que deram n'este sentido, foi excluir de empregos do estado todas as pessoas que não professassem a confissão helvetica, e se não declarassem membros de egreja reformada. (1) Para contradizer similhante asserção basta-nos dar conta ao leitor de tres *plackaats*, ou proclamações emanadas do governo hollandez, que ainda se acham nos archivos da secretaria colonial em Colombo. A primeira d'estas *plackaats*, datada de 19 de setembro de 1658, prohibia que se desse pousada ou escondessem padres catholicos, sob pena de morte; a segunda, de 11 de janeiro de 1715, vedava que se fizessem assembleas publicas ou particulares, ou conventiculos de catholicos, impondo a multa de 100 rixdollars pelo primeiro delicto, 200 pelo segundo, e pelo terceiro um castigo arbitrario; a terceira proclamação, datada de 8 de agosto de 1715, rigorosamente determinava, sob pena de severa correcção, que ninguem se deixasse baptisar, nem fizesse educar seus filhos pelos padres catholicos.

Talvez não seja descabido mencionarmos aqui dois exemplos do zêlo perseguidor dos hollandezes contra os seus subditos gentios em Jaffna. Tomal-os-hei dos seus proprios ecclesiasticos. Um d'estes falla de grande numero de estampadores de algodão, que estavam estabelecidos em Nellore, que foram mandados matar pelo commendador Anthony Pavilleon, por terem conservado as insignias do gentilismo, e influido no animo dos membros da egreja pelo seu mau exemplo; (2) refere-se o outro a um mestre de meninos de Wareny, que foi desterrado por ter lido um livro gentilico, sendo peimeiramente queimado o livro em publico na fortaleza de Jaffna. (3)

Muitos dos catholicos, como naturalmente fôra de esperar, se conformaram ao novo credo, parte por medo das leis penaes, parte por amor de obterem emprego do governo; (4) porém muitos d'elles, que nem se intimidaram com os perigos, nem pelas tentações se deixaram seduzir, abraçaram fervorosos a

(1) CORDINER'S *Description of Ceylon*, vol. I, p. 155.
(2) CHURCHILL'S, *Collection of Voyages*, vol. III, pp. 803, 804.
(3) VALENTIN'S, *Byzondere Zaaken Van Ceylon*, p. 443.
(4) Os hollandezes affectavam uma conversão nominal em Ceylão. *British Critic* de janeiro de 1828, pag. 215.

Os que aspiravam a algum emprego, renegavam, em quanto os que nada tinham a ganhar com a apostasia guardavam inteira fidelidade á sua religião. Forbes' *Eleven Years in Ceylon, (Onze annos em Ceylão)*, vol. I, p. 63, 2.ª edição.

O governo hollandez tinha seguramente o maior zelo para induzir os filhos do paiz a abraçar o protestantismo; e sem grande difficuldade conseguia o seu intento com os indigenas, *tanto quanto pelas disposições legislativas se podia obter*. HARVARD'S *Narrative*, introd. p. LXVI.

antiga fé, e posto que privados dos seus directores espirituaes, não obstante continuaram a celebrar as suas reuniões religiosas em suas casas por alta noite.

N'aquelle tempo teve o rei Raja Singha II uma pendencia com os hollandezes, em consequencia de haverem os ultimos faltado a cumprir a promessa que tinham feito de lhe restituirem a cidade de Colombo, que elles haviam tomado aos portuguezes com a sua cooperação. ([1]) Por esta razão todos aquelles catholicos que se homisiaram no sertão, a fim de evitarem a perseguição hollandeza, encontraram asilo na sua protecção. Mais de setecentas familias portuguezas se estabeleceram em Ruanwelle, e por esse mesmo tempo, pouco mais ou menos, se foi tambem estabelecer em Galgamuwa uma colonia de christãos de Mookwa: em quanto aos portuguezes, que o rei tinha aprisionado nas duas ultimas guerras, e que se achavam detidos em Kandy, foram designadas as aldeias Wawodda, Kalugalla e Wahakotta para n'ellas residirem. Tanto em Kandy, como nas aldeias onde residiam os catholicos, se concedeu a estes a faculdade de edificar egrejas, e praticar livremente os exercicios da sua religião. A egreja que elles tinham em Kandy foi erigida na praça, chamada Bogambera, e diz-se que ao serviço d'ella andavam não menos de doze sacerdotes. Infelizmente para os catholicos não lhes coube gozarem por muito tempo d'aquella inesperada protecção; porque o rei, n'um dos seus caprichos, deu ordem para se demolirem todas as suas egrejas; permittindo-lhes, porém, que continuassem a residir nos seus dominios, sem maiores vexames. Quando Knox esteve captivo em Kandy, desde o anno 1659 a 1679, lá os christãos «não tinham egrejas, nem se congregavam no dia do Senhor para o culto divino; mas cada um lia ou rezava em sua casa como era determinado.» Havia então só tres padres; mas parece que não tinham licença para exercer as suas funcções, pois dizem que os christãos baptisavam elles proprios a seus filhos. Dois d'estes sacerdotes largaram os habitos, e acceitaram cargos na corte; mas o outro, que se chamava o padre Vergonça, jesuita genovez, quando foi mandado embora pelo rei, e lhe perguntaram «se não lhe era melhor largar a roupeta velha e o barrete, fazer como os outros padres, e receber honras,» respondeu que «mais se gloriava d'aquelle habito velho e do nome de Jesus, que de todas as honras que lhe elle podesse conferir.» Conta Knox, que o padre Vergonça morreu de velho na sua cama; pelo contrario os outros dois padres se finaram miseravelmente, um d'um cancro, e o outro de violencia. ([2])

Accommettida por uma parte pelo rei de Kandy, e por outra pelos hollandezes, a situação dos catholicos em Ceylão não podia florescer; o total exterminio da sua religião estava imminente. Foi n'estas criticas circunstancias que o padre José Vaz, da congregação do Oratorio de S. Filippe Neri, que se achava em Goa, se determinou a ir á ilha restabelecer o catholicismo a todo o trance. Tendo projectado passar a Jaffna, disfarçado em mendigo, começou as suas operações n'aquelle districto em 1690. Não tardou, porém, que o chefe hollandez Hendrik Van Rhee movesse contra elle e o seu rebanho tal perseguição, que o levou á extremidade de sair da praça, e caminhar para Putlam, então sujeito ao rei de Kandy. Depois de ter reunido os catholicos d'aquella cidade, e de os esforçar na fé, partiu para Kandy em 1692; porém mr. de Lanerolle, protestante francez, que residia então na corte, o denunciou ao rei Wimala Dharma Suriya II, como emissario portuguez, do que lhe resultou ser mettido n'uma prisão, onde o deixaram ficar perto de dois annos. Quando foi posto em liberdade, obteve licença do rei para reedificar a egreja de Kandy, e exercer o seu ministerio, sem impedimento, entre a communidade catholica da praça. Pouco depois principiou a dirigir os gentios; e apesar da violenta opposição que encontrou no clero buddhista, em mais de duas occasiões, tão bom exito alcançaram os seus esforços, que póde contar entre os convertidos, que fez, muitos officiaes da casa real, além de varias pessoas de distincção.

Tão vantajosamente estabelecido em Kandy, o padre Vaz fez d'aquelle ponto o centro da sua missão, e em diversas occasiões visitou d'alli os catholicos nos territorios hollandezes, e lhes administrou em particular os sacramentos, indo de casa em casa. N'este comenos foi nomeado pelo bispo de Cochim, seu vigario geral em Ceylão, e o perfeito do Oratorio de S. Filippe Neri em Goa, que n'aquelle tempo havia tomado aquella missão debaixo da sua protecção especial, o fez superior d'ella, e despachou mais tres missionarios para irem ser empregados sob sua direcção immediata. Foram os padres José de Menezes, Pedro Ferrão, e José Carvalho, o primeiro dos quaes elle collocou em Putlam para d'alli visitar Colombo, Negombo, Chilaw e Sitawaka; o segundo em Wanny, para d'aquelle ponto visitar Mantotte, Manaar, Poneryn, Jaffna e Batticalao; e ao terceiro mandou-o assistir em Kandy. Não se passou muito tempo que não chegasse de Goa outro reforço de missionarios, a saber: os padres Pedro de Saldanha, José de Jesus Maria, Jacomo Gonçalves, Manuel de Miranda, Ignacio de Almeida, e Basilio Barreto, os quaes se uniram aos primeiros, a fim de renovarem a religião catholica em Ceylão. Os pios esforços d'estes homens de exemplar abnegação foram coroados por incomparavel exito. Não só fizeram voltar para o aprisco a quasi todos os catholicos que andavam desgarrados desde a invasão hollandeza, senão que converteram e adquiriram para a egreja, dentro em poucos annos, para cima de 30.000 gentios. Tal era a firmeza dos catholicos em Colombo e Negombo, que não encobriam por mais tempo a sua profissão religiosa, mas franca e intrepidamente a confessavam, recusando frequentar a egreja ou as escholas hollandezas, ([1]) submettendo-se de boa vontade ás penalidades que as leis então vigentes lhes impunham por tal motivo. ([2])

Em quanto a religião catholica de novo erguia a fronte em Ceylão, padecia dolorosa afflicção pela morte do padre Vaz, que teve logar em Kandy a 17 de janeiro de 1711. Todavia os seus interesses não foram levemente prejudicados; porque, sendo o padre Menezes, que lhe succedeu como vigario geral e su-

([1]) Philalethes' *History of Ceylon*, p. 122.

([2]) Knox's, *Historical Relations of the island of Ceylon*, parte IV, cap. XIV.

([1]) N'aquellas escholas aprendiam os indigenas unicamente o cathecismo hollandez e no que ainda hoje se chama «*As tres orações,*» a saber o Padre nosso, o Credo, e os Dez mandamentos. Mr. Maatzuyken, governador geral da Batavia, n'uma carta ao reverendo doutor Baldeus, um dos ministros hollandezes em Ceylão, com data de 18 de setembro de 1662, depois de lhe recommendar zelo na conversão dos naturaes da ilha, faz as seguintes observações: «Tenho para mim que o ler e escrever para a edificação d'esta pobre gente não são cousas de tão absoluta necessidade, como doutrinal-a nos principios da religião, que se reduzem a poucos pontos. Por quanto no caso de pretendermos propagar o christianismo pela leitura e escripta, muito receio que demasiadamente penoso e abhorrido seja para a Companhia.» Churchill's, *Collection of Voyages*, vol. III, p. 811.

([2]) O reverendo mr. Palm na sua *Relação dos estabelecimentos de educação dos hollandezes em Ceylão,* diz que, «se impunham multas, em obediencia a uma ordem expressa do governo, cuja execução era repetidas vezes recommendada, contra todas as pessoas que não frequentavam as escholas nos dias de semana e não assistiam aos officios divinos ao domingo.» Faz menção tambem de que em 1746, «se acharam as escholas peiores que as outras. Queixavam-se da ignorancia, incapacidade e indolencia dos mestres, e não menos da aversão das crianças a irem á eschola. Os paes tambem fugiam de lá mandar os filhos, o que se attribuia à influencia dos padres catholicos romanos e dos seus emissarios, que não poupavam intrigas para afastar d'alli o povo.» Ver o *Journal of the Ceylon Branch of the Royal Asiatic Society,* n.º II, pag. 107 e 111.

«Por ordem do governo hollandez, diz Harvard, ninguem podia contrahir matrimonio sem saber repetir *as tres orações.*» Ver: *Narrative of the Wesleyan mission to Ceylon and India,* introd., p. lxvi.

BRAZIL.



Villa Rica de Oiro-preto. — Gravura de Coelho.

perior da missão, dotado do mesmo espirito esforçado e inabalavel, crescia quotidianamente o numero dos fieis. Parece que as assembléas synodaes do clero se faziam então em Putlam, com medo dos hollandezes, e aquella praça era como quartel general da missão.

Em 1717 o numero dos convertidos á egreja catholica em Ceylão, desde o seu restabelecimento pelo padre Vaz, orçava por uns 70.000, sendo só no districto de Jaffna mais de 15.000. Haviam-se erigido por toda a ilha 15 egrejas grandes, e para cima de quatrocentas mais pequenas. Comtudo póde-se dizer que nenhum dos padres se atreveu então a estabelecer-se nos territorios hollandezes; residiam nas villas e aldeias da fronteira, e visitavam as suas ovelhas no litoral ao disfarce, e encobertos pela escuridão da noite.

Em 1743 rebentou no interior da ilha uma imprevista e repentina tempestade. Tendo Sriwejaya Raja Singha, que então era o soberano reinante, dado precipitadamente credito a algumas denuncias falsas, que de industria espalharam contra os padres catholicos os seus adversarios, saiu d'improviso uma ordem proscrevendo o exercicio da religião catholica nos seus estados, e mandando arrazar pelos alicerces, tanto a egreja matriz em Kandy, como as outras inferiores que houvesse no paiz, incluindo as de Putlam e Chilaw, e depondo ao mesmo tempo todos os padres. O seu successor Kirti Sree Raja Singha, que subiu ao throno tres annos depois, levou ainda mais longe a perseguição. Nem até queria conceder aos catholicos o direito de residirem nos seus territorios, e em consequencia expulsou os habitantes de Wawodda e Kalloogala; mas uma grande fome, acompanhada de peste, devastou o paiz pouco depois d'estas violencias. Tomando-as o rei como castigo enviado pelo Deus dos catholicos, deu ordem para que as imagens que adornavam a egreja de Bogambera, e que, por occasião d'ella ser demolida, foram depositadas no real thesouro, fossem entregues ao povo de Wahakotta, com a permissão de reedificar a sua egreja, e seguir a sua religião, com tanto que não tivessem padres entre si.

Mallogrados todos os esforços dos hollandezes para fazerem receber aos catholicos os dogmas da sua egreja, resolveram-se por fim a afrouxar as severidades, e contentaram-se com reforçarem aquelles *plackaats* que excluiam os catholicos dos empregos publicos, impunham taxa aos seus casamentos, e lhes prohibiam que tivessem um cemiterio separado, obrigando-os a pagar extravagantes alcavalas pela licença de sepultarem os seus mortos no cemiterio protestante. (1) Expediram tambem outro *plackaat*, estabelecendo que todos os filhos de escravos baptisados nas egrejas hollandezas fossem desde logo declarados fôrros, ao mesmo passo que todos os que recebessem as aguas do baptismo nas egrejas catholicas deveriam continuar na escravidão; (2) porém esta ultima disposição produziu um effeito diametralmente opposto, porque na colonia todos os senhores de roça, a fim de não perderem o serviço dos seus escravos, os fizeram catholicos, ou os deixaram continuar no gentilismo ou na religião de Mahomet.

(Continúa).

L.

VILLA RICA DE OIRO-PRETO.

É uma cidade imperial, capital da provincia de Minas. Demora a 80 legoas do Rio de Janeiro em 20° 25′ 30″ de latitude, e 334° 2′ 12″ de longitude. As minas d'oiro preto, que lhe deram origem, des-

(1) Philalethes' *History of Ceylon*, p. 185. Lord Valentia's *Travels*, vol. I, p. 309.
(2) Bertolacci's *Account of Ceylon*, introd. 72,60.

cobriram-se em 1699-1701. Só porém em 1711 é que foi erecta villa.

Villa Rica é fundada em posição mui desfavoravel, se se considera a distancia que a separa de todo o meio de navegação, e a esterilidade do seu terreno. É isto o que faz com que esta cidade, tão florescente no tempo das minas, não offereça hoje senão aspecto decadente.

M. de Saint-Hilaire diz, que é extremamente difficil dar idéa exacta d'esta capital, por causa da sua pouca regularidade, fundada como está sobre uma serie de morros que bordam o rio d'Oiro-preto. Contavam-se alli cerca de 2.000 casas, 15 ou 16 capellas, e duas egrejas parochiaes, das quaes a de Nossa Senhora da Conceição, conhecida geralmente pelo nome de egreja do rio d'Oiro-preto, é antiga, tem alguns quadros supportaveis, e um comprimento de perto de 55 passos. A casa do governador, conhecida pelo nome de Palacio, é o seu maior edificio, inda que não seja mais do que um acervo de construcções pesadas e de máo gosto. A casa da camara não é de melhor architectura. A casa da fazenda é notavel pela sua extensão: n'ella estão os cofres publicos, e n'ella se reune a junta da fazenda. Havia alli dois hospitaes, o civil em máo estado; o militar, ao contrario, distinguindo-se pelo aceio, e boa administração. Segundo Walsh o quarteirão aristocratico, o dos funccionarios publicos, era realmente bello.

Com suas egrejas, que sobresaem entre a verdura das montanhas; com suas fontes ornadas de esculpturas; com seus jardins plantados nas eminencias; Villa Rica offerece ainda o aspecto d'uma cidade opulenta; entretanto cerca de 500 casas deshabitadas denunciam bem depressa a sua miseria. Não tinha nenhum passeio publico, nenhum gabinete litterario, nenhum café toleravel: contava apenas um theatro, que passava pelo mais antigo do Brazil. Se se exceptua, diz Saint-Hilaire, a fabrica da polvora, que pertence ao governo; e a de faiança, estabelecida ha poucos annos não mui distante da cidade, não ha n'ella nem na visinhança, nenhuma casta de manufactura. Temos, comtudo, razão para suppor que algum melhoramento se tenha operado na sua industria. O commercio que se faz entre o Rio de Janeiro e Villa Rica é carregado sobre muares: a estrada que communica as duas cidades passa pela melhor do Brazil.

A capital de Minas já chegou a ter 20.000 almas: agora não lhe dão mais de 7 a 8 mil.

Villa Rica é residencia d'uma administração mui numerosa. Além da guarda nacional, estabelecida em todas as cidades do Brazil, sustenta mais um regimento á sua custa.

O ultimo viajante acreditado, que alli fez uma curta paragem, Walsh, disse que na cidade havia uma imprensa, onde se imprimia um jornal intitulado o *Universal:* n'isto se cifrava tudo o que podia servir a propagar a instrucção: nem havia ainda bibliotheca publica.

Segundo o mesmo escriptor viajante na epocha em que as minas começaram a manifestar-se exhauridas, Villa Rica offereceu a prova deploravel do perigo que ha em esgotar o solo, por meio de explorações mal entendidas. Nua, escalvada, a superficie das colinas visinhas não offerecia nenhuma terra vegetal, ao passo que por outro lado já nada rendiam as lavagens do oiro, e mal podia fazer-se cultura nos logares das minas exhaustas. Villa Rica tornou-se então asylo d'uma multidão de vagabundos e especuladores arruinados. Os roubos e assassinatos multiplicaram-se de modo aterrador. Chegou até a affirmar-se que todos os crimes revelados no correr do anno pelos jornaes d'esta ou d'aquella parte da Europa, não podiam de nenhum modo comparar-se aos de que eram testimunhas as ruas tenebrosas de Villa Rica. Para dar remedio a isto pouco a pouco se foi estabelecendo alli uma policia activa; melhoraram os costumes; e a cidade é hoje famosa pela urbanidade de seus habitantes.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

IV.

O Museu Britannico e suas antiguidades. — Effeitos de um legado judicioso. — Instituto polytechnico. — A Marselheza além do Canal. — Francezes e inglezes. — *Zoological gardens.* — Recreio e instrucção. — Jardim botanico.

O museu britannico foi um dos primeiros estabelecimentos que visitei, e que nunca me cançava de visitar. Sempre fui amigo de livros, e de antiguidades, e n'este genero encontrei alli abundantemente do melhor que podia desejar. Com que interesse não observei eu reunidos em limitado espaço objectos da mais alta curiosidade, vindos de todas as partes do mundo, mas sobre tudo do berço da civilisação antiga, d'essa Grecia que esculpiu o seu genio immortal nos baixos-relevos do Partheno, e nos versos da Iliada, d'esse Egypto que levantou as pyramides e a cidade das cem portas, d'essa Assyria que embellezou Babylonia e invadiu o mundo de então com a torrente dos seus exercitos! Com que enthusiasmo, se não veneração artistica, não contemplei eu as primitivas e grosseiras fórmas da esculptura egypcia, os seus tumulos negro-polidos, as suas longas inscripções hyeroglificas, as côres desmerecidas da sua pintura de ha tres mil annos, os talvez mais antigos baixos-relevos de Nimzour, devidos ás investigações de Layard, [1] e sobre tudo esses magnificos fragmentos do desenho ou do cinzel de Phidias, que ainda hoje carcomidos pelo tempo e mutilados pela barbaria são objecto de um culto quasi supersticioso da parte do artista e do archeologo! sem as avaliar pelo que mereciam, eu pude aspirar instinctivamente muitas das bellezas dos famosos *Elgin Marbles.* [2] Que vigor de composição, que correcção de fórmas apresentam essas obras inimitaveis! Ainda me parece estar vendo duas cabeças de cavallos tão descarnadas, tão finas, tão intelligentes, tão cheias de fogo, que parecem suspensas e petrificadas em aeria carreira. Os baixos-relevos que ornavam o interior e exterior do templo representam batalhas, festividades, jogos e assumptos mythologicos. Entre as muitas e curiosas antigualhas tiradas da Grecia encontram-se pequenos quadros de pedra, tendo esculpidas diversas figuras, ora um braço ou uma perna, ora uma cabeça, votos ou « promessas » dos doentes ás suas divindades tutelares. Tambem alli se vêem altares, urnas cinerarias e inscripções, sendo algumas d'ellas decretos do povo gravados em laminas de marmore. A collecção das antiguidades egypcias não é menos preciosa. Sem fallar nas estatuas collossaes de homens, leões e esphinges, nos sarcofagos, nos obeliscos e outros pesados fragmentos architectonicos, centenares de objectos, taes como idolos, animaes sagrados, pequenas estatuas, vestidos, vasos, lampadas, taças, instrumentos agricolas, grãos de trigo e cevada, tamaras e uvas, fragmentos de tumulos, armas, inscripções, utensilios de

(1) Estas interessantes esculpturas, descobertas em Ninevch sobre o Tigres na Mesopotamia e trazidas para Inglaterra em 1846-47, representam batalhas e cercos de cidades. Vêem-se n'ellas grosseira, mas distinctamente figurados soldados, carros, cavallos, arietes, torres movediças, armas de arremeço, etc.

(2) Marmores de Elgin, assim chamados porque estes preciosos restos da estatuaria grega foram tirados do Partenon de Athenas pelos esforços de Lord Elgin, que sendo embaixador em Constantinopla alcançou do governo turco permissão para o fazer. Dez ou doze annos duraram os trabalhos da remoção, e embarcados os fragmentos naufragou o navio, mas estes salvaram-se, e a final chegaram a Inglaterra sendo comprados pelo governo por 35,000 libras (1816).

escripta e de pintura, cestos, cordas, ferramentas, instrumentos musicos, brincos infantis, mumias de homens, mulheres, crianças e animaes, recordam a vida publica e domestica d'esse antigo povo.

As mumias, de que alli se observam muitos exemplares, tem um caixão de madeira, talhado pela fórma do corpo, e pintado de varias côres. Exteriormente o caixão apresenta algumas vezes o retrato do morto, e interiormente uma longa inscripção, que é talvez o seu panegyrico ou a sua biographia. O cadaver está envolvido em ligaduras, com a cabeça coberta por um panno pintado ou por uma mascara dourada. Algumas d'estas mumias acham-se tão desfeitas, que não é facil distinguir n'ellas nem a fórma dos corpos, nem os envoltorios das partes nuas. Os vasos etruscos, admiravel manufactura da olaria italiana, occupam um grande salão. No *british room* (1) observam-se differentes antigualhas anteriores á invasão romana na Inglaterra, taes como facas de pedra, pontas de frecha, e martellos de bronze, grosseira e meio-cosida louça de primitivos britões, modelos dos *cromelechs* de pedra, ou sepulchros das antigas tribus celticas. O *ethnographical saloon* (2) apresenta uma extensa galeria de objectos do uso domestico, armas, vestidos e divindades da India, da China, do Japão, da Nubia, da Abyssinia, da America, das ilhas do oceano Pacifico, da Nova Zelandia e da Australia. A collecção de productos de historia natural é riquissima, e apenas inferior á do museu de Paris. Entre os curiosissimos fosseis que possue avultam o enorme esqueleto moldado do *Megatherium americanum*, de Buenos-Ayres, o do *Mastodon Ohisticus*, de New-Jersey, que é parecido com o do elefante, e o molde do craneo e queixada inferior do *Dinotherium* ou tapir gigante, que Cuvier suppoz ter attingido a espantosa altura de 80 pés. A collecção dos livros impressos contém de quinhentos a seiscentos mil volumes. A livraria de Jorge III, que consta de sessenta e tres mil volumes, e parece haver custado cento e trinta mil libras esterlinas, foi offerecida á nação por Jorge IV em 1823. A collecção dos manuscriptos é extremamente rica. Só o conteúdo de duas estantes está avaliado em perto de tresentas mil libras. Livros ha alli que valem litteralmente o seu peso em ouro. O museu possue tambem uma pequena, mas valiosa collecção de estampas e desenhos.

O edificio do museu, construido de 1823 a 1846 sobre a antiga *Montagne House*, (3) é um dos mais nobres e espaçosos de Londres. O salão d'entrada e a escada que conduz ao pavimento superior são construcções verdadeiramente magnificas. Antes da construcção do moderno edificio mostrava-se n'este logar o antigo original da *Magna Charta*, que os inglezes consideram como fundamento das suas liberdades. Lá o viu ainda o auctor dos *Cinco annos de emigração*, que transcreve um dos seus principaes artigos. A fachada principal do museu, que olha para *Great Russel Street*, é resguardada a conveniente distancia por uma soberba gradaria com ornatos dourados, que se reputa ser uma obra prima n'este genero.

O museu britannico deve a sua fundação ao patriotismo de Sir Hans. Sloane. Este sabio, havendo colligido uma grande cópia de livros e de objectos de historia natural, que lhe custaram cerca de cincoenta mil libras, ordenou em seu testamento que tudo isto fosse offerecido ao governo pelo preço de vinte mil libras, como nucleo de um museu nacional. O parlamento acceitou o legado em 1753, e d'então data um dos mais fomosos estabelecimentos da Inglaterra. Desde aquella epocha as acquisições de livros, manuscriptos, productos naturaes e objectos d'arte não tem cessado, e o valor de tantos, tão variados e alguns d'elles tão raros objectos, é immenso e incalculavel. Por singular e utilissima excepção a entrada no museu nada custa. Esta circunstancia, junta ao alto interesse da collecção, faz com que o *British Museum* (1) seja frequentado diariamente por innumeros individuos de todas as classes. Em 1850 a cifra dos visitantes subiu a 1,100,000 pessoas.

(1) Salão inglez.

(2) Salão etnografico em que se mostram cousas relativas aos usos e costumes dos povos.

(3) Casa de Montagne, assim chamada por haver sido construida pelo duque de Montagne.

O instituto polytechnico offerece algumas horas de instructiva recreação. O salão central tem um vasto tanque, onde se fazem as experiencias do sino mergulhador. Os curiosos pagam por esse divertimento mais um *shilling* (2) addicional. Na noite em que alli fui, vi sair de dentro d'elle, como pintos de sob as azas da gallinha, tres homens e duas senhoras. Não me pareceu que ficassem com vontade de repetir o ensaio. Depois metteu-se debaixo d'agua, e n'ella esteve, durante alguns minutos, um buzio, vestido com fato impermeavel, e coberto superiormente por um forte capacete, do qual saia um tubo conductor do ar. O robusto inglez, quando se viu livre das suas «calças pardas,» suava como um touro. É innumeravel a quantidade de desenhos, de modêlos e de pequenas machinas, que alli se observam. Algumas d'ellas, as de vapor por exemplo, estão em movimento. Advertidos por um ligeiro toque de sineta os concorrentes vão assistir á prelecção de sciencia applicada ás artes e aos usos da vida. Estas prelecções todas praticas, experimentaes e expostas n'um estilo simples e ás vezes jocoso, costumam ser feitas por homens de bastante credito scientifico, cujo nome se annuncia préviamente.

Durante meia hora ouvi discorrer sobre pneumatica com aquella abundante facilidade dos oradores inglezes, que é o apanagio dos aproveitadores do tempo por excellencia, e o tormento dos que, como eu, lhes não podem seguir o fio. Por fim deu-se uma representação de *vistas dissolventes*, tão perfeitamente pintadas e dispostas, que a transição de umas para outras era apenas perceptivel. As primeiras produziram-me perfeita illusão; porque insensivelmente, sem mudança apparente de quadro, me achei com diversos objectos diante dos olhos. O assumpto d'esta vista era o pobre *Uncle Tom*. (3) As vistas, quasi todas a meia luz, eram acompanhadas por um quarteto de harmoniosas vozes, e pelos sons graves e magestosos do piano. A chacara do *Uncle Tom*, cujos soffrimentos se desenrolavam na tela, diante do espectador, excitando sympathia e compaixão pelo pobre negro, foi enthusiasticamente applaudida. A ultima vista representava a figura allegorica da *Britannia*, cercada por dois anjos, que seguravam as legendas LIBERTY, FREEDOM. (4) N'esta epocha de fera e estupida reacção o coração expande-se de gozo, quando se vê o mote d'este seculo LIBERDADE, escripto e victoriado por um grande povo, — até nas regiões pacificas da sciencia e das artes! Tambem a heroica *Marselheza*, refugiada do seu paiz natal, desferia livremente pelas ruas de Londres a tremenda imprecação de suas notas guerreiras e patrioticas. Muitas vezes despertei ao som d'ellas, e tristes reflexões vinham, então, esvoaçar sobre o meu espirito. Um estreito braço de mar separa a Inglaterra da França, e entretanto que immensa separação moral entre os dois paizes! Além do canal anda-se n'um dia, e desanda-se em dois e tres; adormece-se livre, e acorda-se maniatado. O francez, espirituoso e voluvel, sacrifica tudo á novidade, á moda, ao movimento. Da parte de cá, n'esta terra em que se faz

(1) Museu britannico ou inglez.

(2) Moeda de prata que vale uns 220 réis.

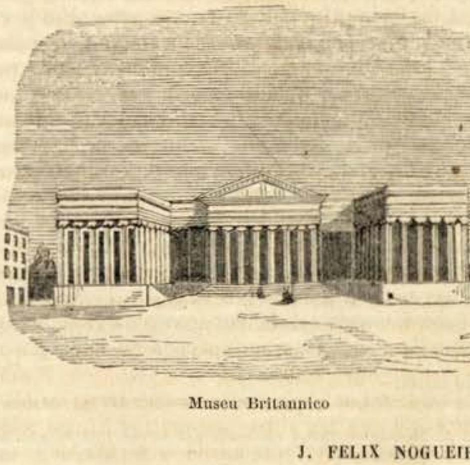
(3) Pae Thomaz ou tio Thomaz, personagem principal do mui philosophico e popular romance de mr. Beecher Stowe.

(4) Liberdade.

mais questão das cousas que das palavras, anda-se pouco, anda-se de vagar, mas progride-se sempre. O povo tem diante de si uma aristocracia tão poderosa, intelligente e respeitavel, como oppressora e anachronica; mas cada palmo de terreno que elle lhe arranca, é uma conquista feita. A Inglaterra não mantem exercito ao soldo dos partidos para esmagar os cidadãos. O espectaculo admiravel da sua tranquillidade explica-se pelo respeito á lei, entranhado nos costumes e na educação politica. Alli, paiz de franca discussão nos *clubs*, e nos *meetings*, ([1]) todos ralham da lei, se ella é má, mas todos se lhe sujeitam em quanto não está derrogada pelo parlamento. O inglez é naturalmente fleugmatico, pensador e tardio em seus movimentos; mas, uma vez posto a caminho, vae onde quer — para ficar, e conserva sempre o bom juizo de não correr a foguetes. Continuemos, porém, a nossa narrativa. Vistos os museus da arte, nada mais justo que observar os da natureza. Uma visita ao *Zoological Garden* ([2]) é, portanto, além de curiosa, complementar. Este bello e riquissimo estabelecimento, que não tem rival no mundo, occupa uma vasta área, a um canto do vastissimo *Regent's park*. É fundação da sociedade zoologica, que o abriu ao publico em 1828. Já foi visitado no decurso de um anno por 112,000 pessoas. A entrada custa um shelling, e ás segundas feiras seis *pence*. ([3]) A posição d'este jardim, um pouco alta e accidentada, pareceu-me uma das mais risonhas e pittorescas de Londres. Quando alli estive pela primeira vez, o tempo estava aspero e chuvoso; mas, apesar d'isso, tal é a belleza do local, a variedade dos objectos, a original e typica estructura das diversas habitações dos animaes, que alli se me escoaram insensivelmente cinco horas. Logo á entrada depara-se com o terrasso da jaula principal, solida e elegantemente construida de boa cantaria. A vista que d'este logar se desfructa é admiravel. Caminhando por longas ruas, e entrando em differentes pousadas, o observador vê successivamente diante de si, vivos e sãos, e cuidadosamente tratados e engenhosamente transportados a um artificial recinto da sua terra nativa, os mais notaveis individuos do reino animal. A aguia regia, empoleirada sobre fragmentos de rocha, lançava em torno de si um olhar ameaçador e perspicaz. Os patos *mandarins* com a sua pequena estatura e variegada plumagem formavam um elegante grupo. Os gansos negros, de colleira vermelha, matizavam lindamente a verde relva. Um massudo pelicano, descançando o enorme bico sobre o papo, assumia uma postura comica, digna do lapis de Cham ou de Grandville. As serpentes americanas, os lagartos do Egypto, as viboras, as cobras de cascavel hibernavam immoveis sobre os seus pequenos areaes e lagoas dentro das respectivas vidraças, onde a temperatura era mais elevada. Constou-me depois que uma d'essas cobras, que envolvidas em cobertores pareciam meio mortas, mordêra o guarda que fazia a limpeza dos armarios, fallecendo este dentro de um quarto de hora. Um enorme macaco que, se não era, parecia orangotango, estava coberto com sua manta sobre uma arvore sêcca. O guarda disse-me que o pobre mono soffria de catarrho e de tristeza, por lhe haver morrido a companheira. Não sei qual das doenças o matou, mas sim que o não tornei a ver na seguinte visita. Um alentado e pardacento elefante cambaleava alternadamente dentro da sua gaiola. Visto a meia luz era uma enorme massa, que se revolvia dentro de quatro madeiros. N'outra occasião tive o gosto de o ver passear apparelhado com o seu palanquim, onde se assentam os amadores, ordinariamente crianças, que lhe dão bolos. Observei a regularidade e precisão das suas manobras, de andar, parar, e ajoelhar-se, á voz do guarda. Um elefantinho, ainda assim do tamanho de um novilho, comia vagarosamente ao pé de sua mãi. O rhinoceronte, terrivel e feio bicho, dava retumbantes trombadas á porta da sua jaula. O hippopotamo jazia deitado sobre cama de palha ao lado do seu banho, onde corria uma abundante porção de agua. Os olhos d'este corpulento animal são extremamente pequenos e vivos, a sua agilidade para nadar é incrivel. Na epocha da sua primeira apparição, em 1850, meio mundo correu a ver o afamado habitante das margens do Nilo, maravilha não observada na Europa desde o tempo dos romanos. Algumas girafas elevavam seus esgrouviados pescoços até ao tecto da alta galeria, que lhes servia de habitação. Uma phoca saltava alternadamente do seu charco para cima das lageas que o cercavam, deixando gozar a originalidade das suas fórmas e movimentos, que tem alguma cousa dos reptis, dos quadrupedes, e dos peixes. O pacifico camelo, desterrado dos seus desertos ferventes, tiritava de frio dentro da ramada que lhe servia de alvergue. O rangifero girava mansamente em seu desafogado retiro. O vigoroso abestruz definhava, ao que parecia, em sua estreita gaiola. O urso branco do norte jazia estendido sobre as pedras no fundo do seu pateo. Finalmente, e para encurtar esta já longa narração, um bello leão da Nubia, em companhia de duas femeas, e um soberbo tigre de Bengala, mostravam nos gestos e movimentos toda a magestosa arrogancia de sua nobre casta. Ás tres horas dá-se de comer a esta bicharia, e é espectaculo curioso ver a sofreguidão com que elles deitam as garras aos pedaços de carne, e o contentamento ou indifferença que depois mostram. Cançado de ver tantas, tão interessantes, e para mim tão novas cousas, saí por uma das varias portas que alli existem e que se fecham irremissivelmente sobre o sujeito. Por este systema engenhoso um guarda-portão basta para tão vasto estabelecimento.

O jardim botanico em *South-villa*, *Regent's park*, é no seu genero uma mediana collecção, e sobe tudo um local eminentemente pittoresco. As estufas são ricas e elegantes, e contém um grande numero de plantas dos tropicos. A soberba planta aquatica *victoria regia* tinha alli um lago e estufa especial, chegando a tanto o cuidado pela sua vegetação, que a agua era constantemente agitada por uma pequena roda de palhetas, a fim de operar-se o mesmo movimento que a vistosa planta recebe nos rios da America septentrional, d'onde é oriunda.

Pertença da sociedade britannica, este jardim só póde ser visitado mediante um bilhete dado por qualquer socio d'ella.



Museu Britannico

J. FELIX NOGUEIRA.

([1]) Reuniões numerosas feitas muitas vezes na praça publica, onde o povo emitte o seu voto sobre assumptos politicos, tanto do paiz como de fóra d'elle.
([2]) Jardim zoologico.
([3]) Cada penny vale proximamente 20 réis.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B